Anais Eletrônicos da Semana de Teologia | ISSN 2238-894X
XXII Semana de Teologia | Simpósio Internacional de Mariologia | Maria no Mistério de Cristo e da Igreja
Recife, 10 a 12 de maio de 2017

MOTIVAÇÃO PARA SE PESQUISAR CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Jorge Luiz Santos de Oliveira[1]

Introdução

A ciência da religião é a área do estudo acadêmico, que busca investigar, de forma sistemática, as religiões, bem como todas as suas formas de manifestação; no desenvolvimento dos seus trabalhos, o pesquisador desta disciplina tenta manter um compromisso de imparcialidade, em relação ao seu objeto de estudo, que é a religião, a despeito das suas próprias crenças, de modo a não questionar a verdade ou a qualidade da mesma.

De um ponto de vista metodológico, todas as religiões se caracterizam por serem sistemas formais idênticos, resguardando a riqueza de diversidades existentes entre os diversos objetos de pesquisa. De acordo com Berguer, “a religião é a ousada tentativa de conhecer o universo como humanamente significativo” (1985, p. 41).

Na elaboração desses estudos, evidencia-se a importância do fenômeno religioso para a compreensão da identidade cultural de uma sociedade, nos seus termos: metafísicos, éticos e morais.

O presente artigo aborda a situação problema da motivação para se dedicar à investigação do fenômeno religioso e a dimensão religiosa do ser humano a partir das ciências.

Foi estabelecido como objetivo geral: apresentar motivações para o desenvolvimento do estudo das ciências da religião; e como objetivos específicos: diferenciar ciência e religião; definir o que é ciência da religião.

O presente trabalho se justifica pela importância do cosmo religioso, na construção da identidade e da visão de mundo estabelecida pelos homens, de acordo com o seu escopo cultural; dessa forma a motivação pelo estudo do objeto religioso, deve ser evidenciada no pesquisador para a elaboração dessa modalidade de conhecimento humano.

[1] Aluno do Curso de Mestrado em Ciências da Religião da UNICAP. E-mail: Jorgelsoliveira2009@hotmail.com

O que é ciência e o que é religião

Atualmente se institui como ciência, a obtenção do conhecimento por processos de estudo ou de prática, esses estando fundamentados por princípios metodológicos, bem como por uma visão de ausência de preconceitos e de juízos de valor.

Existe ainda o ramo da ciência noética, que está relacionada com a gnosiologia, isto é: o estudo ou teoria do conhecimento humano, a qual tem como objeto de estudo, a busca de explicações científicas para temas subjetivos como: milagres, alma e fé; estabelecida como um conceito filosófico, de forma geral, busca o entendimento da dimensão espiritual do homem.

Ainda nos dias de hoje, a ciência só consegue responder a questionamentos específicos como: o que, quando e como; mesmo possuidora dos mais diversos métodos de pesquisa, ela não consegue responder ao por que.

As religiões são: uma fé, uma devoção ao sagrado, ao qual são atribuídos poderes sobrenaturais; com uma caracterização comum, de conceder ao homem a superação do sofrimento e um caminho para alcançar a felicidade; nos seus fundamentos, nós podemos encontrar: bases filosóficas, que tentam explicar a nossa finitude e uma justificativa do porquê da nossa existência, bem como o estabelecimento de preceitos éticos.

As sociedades necessitam da religião para a formação de uma cosmovisão, que venha a suprir a insatisfação humana com as respostas, ainda incompletas, proferidas pela ciência, relativas aos questionamentos existenciais do ser humano.

Nós podemos observar, entre muitos homens que fazem ciência, uma atitude de respeito e de humildade em relação a uma força divina, a qual continua sendo a resposta final a ponta da linha do conhecimento produzido, quando não se pode mais seguir em frente. Nós podemos verificar o posicionamento de alguns deles.

O físico inglês Stephen Hawking (1988, p. 238):

> Se chegarmos a uma teoria completa, com o tempo esta deveria ser compreensível para todos e não só para um pequeno grupo de cientistas. Então, todo mundo poderia tomar parte na discussão sobre por que nós e o Universo existimos. Nesse momento, conheceríamos a mente de Deus.

Quando ele se refere a uma teoria completa, a qual nos permitiria conhecer a mente de Deus, ele está se referindo ao grande questionamento da física no século XX, que é a obtenção de um novo paradigma que unificasse: a teoria da relatividade e a mecânica quântica; onde a primeira tenta explicar o movimento dos corpos celestes e a segunda tenta descrever as características da energia e da matéria no universo subatômico.

De acordo com esse contexto e na concepção de que o caos, fluentemente, origina ordem, numa conspiração para a geração da vida inteligente, evidencia-se a presença dos atributos divinos da consciência e da intenção; nós podemos visualizar a presença de Deus nessa organização arguta do universo, que pode se manifestar através das leis matemáticas; bem como, conforme o paradigma da complexidade: podemos afirmar que todos são componentes de um todo muito maior, composto: pelos seres humanos, as bactérias, as flores, as pedras, as estrelas, os planetas, as galáxias, entre outros.

Pelo que prescreve o princípio antrópico, o universo foi criado de uma forma para que nós, seres inteligentes, o observássemos, de modo que a nossa consciência escolhesse uma realidade, entre tantas possibilidades quânticas.

> A exploração evolucionária do acaso não teria sido suficiente, se a regularidade do universo não houvesse assumido a forma altamente específica que é necessária para gerar potencialidade biológica. (POLKINGHORNE, 2017)

Nós precisamos, tanto da perspectiva científica, quanto da religiosa para atingir um nível de compreensão satisfatório, de acordo com o estágio evolucionário da nossa consciência, a respeito do mundo, isso enquanto houver mistérios intransponíveis para a percepção do homem; num futuro não muito distante, um novo paradigma será apresentado à humanidade, no qual as duas correntes do conhecimento, a científica e a metafísica irão se fundir numa só, de modo que nós possamos responder os muitos porquês, que nos causam tanta angústia existencial.

O que é ciência da religião

Ao longo da segunda metade do século XIX, a ciência da religião assumiu a conotação de uma matéria acadêmica num sentido moderno; no século XX, nós podemos vislumbrar a sua consolidação, como uma disciplina, pela proposta programática de Mircea Eliade, a qual Cruz apresenta da seguinte forma (2013, p 39):

> O historiador das religiões deve examinar seu objeto de estudo com seus próprios meios de investigação e a partir da sua própria perspectiva (...) a escolha do que caracterizaria mais esse objeto tão amplo que é religião: os significativos simbólicos, que remeteriam à categoria crucial do sagrado (...) a busca de elementos essenciais por detrás das manifestações históricas, arquétipos do sagrado conforme as suas hierofanias (...) o lugar reservado para as disciplinas de caráter mais empírico (fisiologia, psicologia, sociologia, linguística), que fornecem dados e interpretações que auxiliam a configurar o objeto, mas que por si só reduziriam e falseariam o caráter único da religião (...) ressalte-se o caráter enciclopédico requerido do pesquisador.

Cruz argumenta que (2013, p 46), “como correntes epistemológicas mais recentes: as concepções ligadas a uma abordagem evolutiva de vertente darwiniana, com as manifestações religiosas no contexto evolutivo do homem”.

Uma característica considerada ideal para o pesquisador das ciências da religião é a imparcialidade na confrontação com o seu objeto de estudo; esse posicionamento poderia ser chamado de agnosticismo metodológico.

O agnosticismo é uma doutrina filosófica, que afirma ser o absoluto inacessível à consciência humana; dessa forma, perderia o seu valor a metafísica, bem como uma ideologia religiosa, pois os seus pressupostos não podem ser comprovados empiricamente; o seguidor desse princípio filosófico pode ser visualizado sob dois prismas: o agnóstico teísta, que acredita na existência de Deus, mas reconhece as limitações do homem em conceber a existência de deuses por intermédio da razão; o agnóstico ateísta, que além de tudo, não acredita na existência de Deus e de qualquer outra divindade sobrenatural.

O agnosticismo metodológico tem consciência de todas as limitações epistêmicas, em relação ao estudo do objeto religioso, porém possui a flexibilidade necessária para que sempre possa ser instituída uma solução adicional, de modo a se complementar ou derrubar o estabelecido; dessa forma, nós podemos considerar que ele está situado bem mais próximo das demais ciências humanas e sociais para a produção do conhecimento.

Dentro desse contexto, mesmo com a exata noção da contradição da assunção de uma imparcialidade irrestrita, por parte do ser humano; o pesquisador das ciências da religião, não abandona as suas crenças, mas tenta deixá-las de fora da elaboração das suas sínteses; assim ele não questiona a verdade e a validade dos preceitos de uma determinada religião, ele busca a gênese e a diferenciação das suas

categorias comuns aos outros sistemas religiosos, nos termos essenciais de uma concepção metafísica.

Então, nós podemos caracterizar a ciência da religião como: um campo do saber, que tem como objeto de estudo o fenômeno religioso, o qual busca investigar, de forma sistemática, todas as manifestações desse seu objeto, sem questionar a sua validade e a sua qualidade teológica; o seu princípio metodológico se baseia na premissa de que: as religiões devem ser visualizadas como sistemas com sentidos formais e significados idênticos, com pontos comuns, criados pelo homem, nas suas relações com o mundo, dentro do seu contexto cultural.

Nós podemos conceber uma importância muito grande do emprego da ciência da religião, como uma disciplina acadêmica produtora de conhecimento, no desenvolvimento de um diálogo inter-religioso, o qual é mais uma ferramenta imprescindível para o estabelecimento do respeito mútuo e da igualdade de direitos entre todos os homens.

Considerações finais

Desde que o homem tomou consciência do mundo ao seu redor, bem como da sua finitude, passou a buscar respostas para os seus questionamentos existenciais; ele sempre procurou as suas respostas na relação com o sagrado; com o desenvolvimento da filosofia e mais tarde da ciência, as suas sínteses também passaram a ser construídas com o uso da razão.

Conforme afirma Cruz (2013, p 115), “nós observamos, em escala global, um esforço para reconciliar crenças religiosas tradicionais com a perspectiva científica moderna”. Isso faculta à religião um papel muito importante, no processo de construção da visão objetiva do mundo; com uma condicionante dialética entre o homem e a sociedade, sendo que esta o produz e é por ele produzida; com o estabelecimento de uma relação íntima entre: a igreja, o cosmo sagrado e a significação da realidade.

A religião é constituída por componentes, que são gerados na especificidade cultural da sociedade, assim como por componentes comuns, os quais podem ser encontrados na diversidade do sistema subjetivo de significados do supremo; de acordo com Boff (1998, p 157):

> A religião nos permite identificar o elo perdido; religar todas as coisas e todas as experiências (...) religar todas as etapas da cosmogênese e da antropogênese para dar unidade ao processo evolucionário. Religar o mundo ao eu (...) Deus penetra tudo (...) Um ser humano que cultiva esta religação não se sente perdido, nem angustiado, nem desesperado. Tudo o que acontece faz sentido. Acontece dirigido pela mão invisível de Deus.

Dentro desse contexto, ao se estudar as religiões, de maneira científica, sem a busca das justificativas ao afirmado e revelado, inerente à teologia; na tentativa de se visualizar um horizonte mais longe do que o vislumbrado pelas suas condicionantes: antropológicas, psicológicas e históricas; bem como considerando as condições da secularidade, que se faz presente na civilização ocidental cristã e se permeia no universo religioso, numa relação paradoxal de diferenciação explícita; cria-se um caminho a ser percorrido pelo pesquisador, cuja exploração das suas curvas e bifurcações, inerentes à concepção do sagrado, oferece a motivação necessária para se continuar desbravando o desconhecido, nesse campo do conhecimento humano.

Referências

BERGUER, Peter L. **O dossel sagrado:** elementos para uma teoria sociológica de religião. Trad por José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985. 194 p.

BOFF, Leonardo. **O despertar da águia:** o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis: Vozes, 1998. 174 p.

CRUZ, Eduardo R. Ciências naturais, religião e teologia. In: **Compêndio de ciência da religião**. Organizado por João Décio Passos e Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2013. 703 p.

CRUZ, Eduardo R. Estatuto epistemológico da ciência da religião**.** In: **Compêndio de ciência da religião**. Organizado por João Décio Passos e Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2013. 703 p.

HAWKING, Stephen W. **Uma breve história do tempo:** do Big Bang aos buracos negros. Trad. por Maria Helena Torres. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. 262 p.

Internet:

POLKINGHORNE, John. **O princípio antrópico e o debate entre ciência e religião**. Traduzido por Guilherme V.R. de Carvalho. Disponível em: <https://www.faraday.stedmunds.cam.ac.uk/resources/Faraday%20Papers/Faraday%20Paper%204%20Polkinghorne_PORT.pdf>. Acesso em 04maio2017, 12:00.